

OLHARES E SENTIDOS SOBRE AS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NOS MATERIAIS DE FORMAÇÃO ELABORADOS E DIFUNDIDOS PELA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)

Adriana Olívia da Silva

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/
Universidade do Estado da Bahia - UNEB.*

Email: adriel.olivia@hotmail.com

Carla Conceição da Silva Paiva

*Professora Dra. do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/
Universidade do Estado da Bahia - UNEB.*

Email: ccspaiva@gmail.com

Viviane Brás dos Santos

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/
Universidade do Estado da Bahia - UNEB.*

Email: vivianebras.pedagogia@gmail.com

Willany da Cunha Reis

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/
Universidade do estado da Bahia - UNEB.*

Email: willanydacunha@yahoo.com.br

RESUMO:

Este artigo objetiva identificar as representações das Comunidades de Fundo de Pasto, nas imagens produzidas pela Comissão Pastoral da Terra – CPT. O percurso metodológico prima pela Análise Crítica do Discurso (ACD) presente nos materiais pedagógicos elaborados por tal institucionalidade e acessado nos momentos de formação ou nos eventos que trabalham processos educativos. Assim sendo, escolheu-se como lócus do estudo a Comunidade de Fundo de Pasto composta pelos povoados de Angico dos Brandões, Bruteiro, Ipoeira Grande, Ipoeira dos Brandões, Lagoinha, Mocó, Riacho do Mocó e Traíra, onde a CPT tem promovido intervenções junto aos comunitários. Evidenciou-se com este estudo que o movimento visualiza o Fundo de Pasto através da representação da inclusão pelo processo de participação do tipo ativação, embora apareçam elementos que configuram inclusão do tipo apassivação por beneficiação, como também a presença da imagem como narrativa religiosa e libertadora, com forte teor político embasado na teologia da libertação e no ecologismo dos pobres em que o camponês é representado como povo de Deus em busca da terra prometida e o militante se auto define como o Novo Moisés a libertar o povo da escravidão e conduzi-lo a libertação e a terra prometida. Conclui-se que os processos educativos promovidos pela CPT , são carregados de ideologias que instigam os camponeses à resistência pela preservação dos modos de vida comunitarista, contra a lógica hegemônica do capital.

PALAVRAS-CHAVE: Representação de atores sociais. Comissão Pastoral da Terra. Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.

INTRODUÇÃO

No princípio era a palavra e ela foi criando formas, cores e se materializou. Assim, cores, formas são compostas por narrativas orientadoras das formas de viver e de se portar diante do mundo (MANGUEL, 2011). Neste sentido o discurso e a ideologia estão imbricados em narrativas que vão atribuindo sentidos à realidade e configurando representações sobre mundo.

Nesta perspectiva, Manguel (2001, p.20) faz alusão a esta forma de visualizar o mundo por meio de narrativa: “estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que criamos e imagens que emolduramos, imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação.” Deste modo, o discurso parte da representação que se faz das coisas. Ele é uma forma de ação e também uma forma de representação das práticas sociais. Assim como um instrumento de poder e instrumento de construção social da realidade.

A esse respeito, este trabalho, objetiva identificar as representações das Comunidades de Fundo de Pasto presentes nas imagens produzidas pela Comissão Pastoral da Terra – CPT, através da análise dos materiais pedagógicos elaborados pela CPT e utilizados nos momentos de formação e outros encontros de articulação e mobilização dos Camponeses ou nos eventos que promovem processos educativos como a Missão da Terra. Nesta perspectiva, optou-se pela Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo por fundamento a representação de atores sociais de Van Leeuwen (1997). Para tanto escolheu-se como *lócus* a Comunidade de Fundo de Pasto de Angico dos Brandões, Bruteiro, Ipoeira Grande, Ipoeira dos Brandões, Lagoinha, Mocó, Riacho do Mocó e Traíra, no município de Jaguarari, semiárido brasileiro, onde a CPT tem promovido intervenções junto aos comunitários.

Mediante este estudo, visualiza-se como pertinência social a possibilidade de reflexão por parte dos povos de comunidade tradicionais de fundo de pasto, como também da CPT, no sentido de avaliar o significado das intervenções realizadas, compreendendo suas formas de implicação na realidade, como oriundas de formas de representação. Enquanto pertinência acadêmica um trabalho que discute demandas oriundas de um movimento católico que atua em prol da reapropriação social da natureza, numa significativa área brasileira: o semiárido, na intenção de salvaguardar territorialidades, defender territórios dos menos favorecidos e conquistar a reforma agrária.

MATERIAIS E MÉTODOS

No percurso de construção deste estudo, elegeu-se como *lócus* a Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de Angico dos Brandões, Bruteiro, Ipoeira Grande, Ipoeira dos Brandões, Lagoinha, Mocó, Riacho do Mocó e Traíra, localizada no município de Jaguarari-BA, Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, semiárido brasileiro. Na perspectiva deste estudo, a compreensão de comunidade envolvendo todos estes povoados e suas três associações, parte do entendimento de comunidade como um coletivo que compartilha os mesmos bens (BAUMAN, 1925), como é o caso das comunidades de fundo de pasto que fazem uso comunal da mesma terra.

Neste prisma, o objeto de análise escolhido está focado nos materiais pedagógicos elaborados pela CPT, os quais são utilizados nos encontros de formação de militantes e de organização dos camponeses. Assim, com embasamento na teoria das representações de atores sociais de Van Leeuwen (1997), cuja fundamentação é sociológica, procedeu-se com a Análise Crítica do Discurso (ACD). O autor enfatiza que a ACD deve considerar as relações entre linguagem, sociedade, ideologia. Nesta acepção, Cavalcante afirma que:

O discurso “é produzido num momento histórico para responder as necessidades postas nas relações entre os homens, para a produção e reprodução de sua existência, carregando o histórico e o ideológico dessas relações, o que impede a neutralidade do discurso, uma vez que ao produzi-lo o sujeito o faz a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica.” (CAVALCANTE, 2005, p. 12).

Destarte, a neutralidade não faz parte do discurso, pois este é embebido de ideologia. Fowler (1991, p.25, apud, NOVODVORSKI, p. 14) corrobora nessa discussão ao deixar claro que a representação em todos os tipos de discurso conduz as ideais para serem comunicadas sem neutralidade, ou seja, com uma intenção pré-definida.

A partir desta visão, realizou-se a análise dos materiais produzidos pela CPT, para compreender as representações que seus militantes fazem sobre Comunidades de Fundo de Pasto do Semiárido brasileiro. Desta forma, o presente trabalho buscou responder a seguinte pergunta: Quais são as representações das Comunidades de Fundo de Pasto do semiárido brasileiro, nas imagens produzidas pela CPT?

Na tentativa de responder esta questão foi necessária a análise das cartilhas, painéis, panfletos, revistas, cartazes, que os militantes e/ou os comunitários têm acesso nos momentos de formação ou em eventos com teor educativo, como a Missão da Terra.

Assim sendo, a análise das imagens presentes nestes instrumentos formativos buscou compreender o que são estes materiais, quando eles aparecem, como eles são utilizados, pois, “essa linha teórica considera a relação língua/discurso, incluindo o aspecto ideológico em seu referencial teórico, buscando a dimensão histórico-social do discurso, possibilidade de acesso ao lugar social de onde falam os sujeitos”. (Cavalcante, 2005, p.11). Neste sentido, a análise dos materiais prima pelo percurso da imagem como narrativa ou ausência conforme Manguel (2001), como também a imagem como exclusão ou inclusão conforme teoria de representação de atores sociais de Van Leeuwen (1997).

Nesta acepção, a imagem que representa a exclusão, possui um discurso que exclui o sujeito tanto por supressão, invisibilizando totalmente o sujeito, quanto por encobrimento em que a referência ao sujeito é pouco visível, ou seja, o foco não é o sujeito. Todavia, a representação de inclusão pode ser de dois tipos: do tipo ativação, em que os sujeitos detêm o papel de agentes ativos e dinâmicos; como também, do tipo apassivação por sujeição em que o sujeito é visto apenas como um beneficiário. Esta representação pode ocorrer dentro de três processos: participação, circunstanciação e possessivação. Assim, se o sujeito é visto com a representação da inclusão por ativação, pelo processo de participação este terá o papel de agente ativo, dinâmico e consciente, responsável pela própria emancipação. Porém, se primar pelo processo da circuntanciação, este pode até ser visto como agente, mas está submetido às circunstâncias, estando, portanto impossibilitado de resolver seus problemas. Já no processo de possessivação a ação do sujeito é determinada por ações externas, estando este como agente passivo de determinações arbitrárias.

Nestas análises, foi dada atenção especial aos sentidos ideológicos revelados nas cores e imagens utilizadas, como também no uso de algumas expressões chave, no sentido de desvendar as intencionalidades, uma vez que para os movimentos sociais “a palavra ocupa o lugar das armas tornando-se ela própria uma arma” (CAVALCANTE, 2005 p. 12).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No município de Jaguarari foram localizadas pelo projeto Geografar em consonância com a CDA (Coordenação de Desenvolvimento Agrário) vinte e uma Associações Comunitárias de Fundo de Pasto, que contam com a participação de aproximadamente 562 famílias, as quais recebem intervenções direta ou indiretamente da CPT.

Destas vinte e uma associações, três coordenam e articulam os moradores dos povoados da Comunidade de fundo de pasto, escolhida como lócus deste estudo. Uma

localizada em Angico dos Brandões que também contempla os moradores de Lagoinha no município de Andorinha, outra no povoado de Bruteiro, que conta também com a participação das famílias de Ipoeira dos Brandões e a outra na Fazenda Traíra com a adesão de famílias de Ipoeira Grande, Mocó e Riacho do Mocó. Tais associações são convocadas a participarem de formação ou eventos com teor educativo, organizados pela CPT a nível diocesano ou paroquial.

Analisando os materiais produzidos pela CPT, tais como: cartazes, cartilhas e revistas, para serem utilizados como suporte pedagógico nas formações ou noutros momentos que se configuram como processos educativos direcionados aos camponeses do semiárido, percebe-se a predominância pela defesa da terra e dos direitos dos comunitários fundamentada na narrativa religiosa e libertadora, com fundamento na teologia da libertação e no ecologismo dos pobres (ALIER, 2007), “para além da objetividade e do interesse inscritos no projeto civilizatório que a modernidade nos legou” (LEFF, 2010, p. 208)

Diante disso, a Cartilha “A re-volta dos camponeses e camponesas” traz falas dos camponeses e camponesas como também imagens de marchas, de mobilizações, de despejos, de conflitos somado a textos que traduzem a esperança da “sonhada terra prometida” e vozes de dor e sofrimento diante das ações de violência contra os camponeses.

Neste mesmo ideário, a revista Alumeia (2015), também norteadada pelo sentido da defesa dos direitos dos camponeses, traz por tema Terra e Território: A luta dos povos para permanecerem no campo, apresenta em sua capa uma fotografia que chama atenção pelo olhar de tristeza de uma mulher no canto inferior à direita de uma fotografia onde aparecem outras pessoas (homens, crianças) sob a sombra de uma árvore. O olhar de tristeza, a simplicidade das feições, demonstram o sentido do temor da perda dos territórios, territorialidades e a impossibilidade de acesso aos bens indispensáveis existência. Na página de abertura outro retrato de pessoas com feições de tristeza com um misto de determinação, dispostas em fila com instrumento de trabalho agrícola em punho, como que preparadas para o enfrentamento ao opositor. Na cena há homens, mulheres e crianças. A imagem remete a resistência na luta pela reexistência (LEFF, 2006 p.504). Nesta perspectiva, Manguel (2001, p.21), afirma que “as imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias” as quais vão definindo os contornos e escrevendo os caminhos por onde percorrer.

No tocante à estrutura, a revista é composta por três partes. Na primeira, dois artigos. O primeiro intitulado: ”Da tensão social à convivência e oportunidade: os caminhos políticos e jurídicos trilhados pela obtenção de terras para a reforma agrária no Brasil, em que a autora Tatiana Emília Dias Gomes, faz uma análise sobre a concentração fundiária e os processos

realizados no Brasil em prol da reforma agrária, nas últimas décadas, traçando um percurso normativo sobre a obtenção de terras no estatuto da terra e na constituição federal. Por conseguinte ela faz um paralelo entre a reforma agrária de mercado, com alusão ao governo de FHC e a reforma agrária nos governos do partido dos trabalhadores. O segundo artigo, cuja temática: Mulheres na luta por terra e território, marcadas para desaparecer, da autora, Nancy Cardoso, revela a preocupação com a história de invisibilidade das mulheres, elucidando que mesmo as lideranças não aparecem como protagonistas da luta camponesa. Portanto, neste texto está presente a preocupação com as dizibilidades e visibilidades da mulher.

A segunda parte da revista é composta por três matérias. A primeira cujo título é: Comunidades lutam para defender seus territórios, traz uma abordagem sobre as comunidades de fundo de pasto de Areia Grande - Casa Nova, revelando uma representação de inclusão por processo de participação do tipo ativação, conforme teoria de representação de atores sociais de Van Leeuwen (1997). Nesta matéria aparecem imagens de caminhadas de protestos dos camponeses de fundo de pasto, como também imagens de degradação do meio ambiente como denúncias às ações de grandes empresas como a Camaragipe e grandes obras como a FIOF (Ferrovia de Integração Oeste-leste). A segunda com título Desafios da Juventude Camponesa, contendo imagens de encontros de jovens, das quais a que dá abertura à matéria evidencia elementos religiosos como altar, santo e cruz, pois acontece numa capela e conta com a participação da juventude do movimento CETA, trazendo a presença da imagem como narrativa religiosa conforme Manguel (2001) e a terceira intitulada Projetos do Capital no oeste baiano e seus impactos na vida das mulheres camponesas, mostra o protagonismo da mulher na luta por seus direitos por documentação, saúde etc, mostrando, desta forma, a preocupação com a visibilidade do jovem e da mulher, também no sentido inclusão por processo de participação do tipo ativação

A terceira parte é composta por depoimentos de camponeses residentes em comunidades impactadas pela construção do Porto Sul em Ilhéus em suas vidas e na natureza. Para Cavalcante (2005), “O discurso é atividades de sujeitos inscritos em contextos determinados”. Aqui a inclusão é do tipo circunstanciação, pois ao tempo que ele tem o poder de denunciar, não o tem para solucionar o problema. Diante dessas análises, fica nítido o teor político da CPT e o posicionamento contra as ações do capital que põem em risco a vida humana e a natureza. A representação do Fundo de Pasto, presente nesta revista, prima pela visão que Ferraro (2010, p. 116) chama de “Utopia Comunitarista”, que visa “buscar ou manter o estado de pré-globalização” e traz por temas principais: “defesa do território, da caatinga e dos animais”. Neste prisma Leff (2013, p. 213) sustenta que:

A identidade na complexidade ambiental carrega um sentido reconstitutivo do ser coletivo, que a partir de uma origem e de uma tradição, se reconfigura diante das estratégias de poder da globalização econômica-ecológica como formas de resistência cultural; mas também como estratégia de construção de uma nova racionalidade social imbricadas com as condições da natureza (o real) e com sentido da cultura (o simbólico).

Estes materiais são carregados de simbologias de luta pela reforma agrária fundamentada nos pressupostos marxistas e do movimento camponês. Outro elemento forte, presente nestes processos formativos é a religiosidade católica de configuração da teologia da libertação, a qual dialoga com as ideias de Marx e com os textos bíblicos referentes à luta do povo de Deus pela terra e pela água, especialmente o Pentateuco, ou os cinco primeiros livros da Bíblia que narram a história da salvação.

Com este entendimento, durante a 37ª Missão da Terra da Diocese de Senhor do Bonfim, ocorrida em Nordestina, cartazes afixados no palco, em toldos, elaborados pela CPT com apoio da MISEREOR¹, alertam comunidades tradicionais de Fundo de Pasto no tocante à saúde e ao meio ambiente, ao tempo que denunciam os malefícios da exploração e beneficiamento mineral, para a saúde humana e a vida dos animais e vegetais. Como também, para a presença de gases tóxicos, poeira com presença de material tóxico, que pode ser absorvida pela respiração de animais, seres humanos e muitas vezes ficam nos vegetais e ao serem consumidos pelos animais causam doenças e morte. E ainda, sobre os rejeitos líquidos que são jogados na natureza poluindo as águas, os rejeitos sólidos que afetam a vida dos animais, penetram no subsolo atingindo os lençóis freáticos e o solo e as “plantas que crescem nela”. Além disso, o cartaz mostra também os tipos de doenças mais causados pelos tóxicos de mineração tais como danos no sistema nervoso, alergias, câncer de pele, de fígado, rins e pulmão, insuficiência renal, cirrose, problemas de estômago e intestinos, asma, silicose, bronquite crônica, fibrose pulmonar, malformações em fetos, complicações na gravidez e parto, atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças e sobre as pessoas mais vulneráveis: idosos, doentes crônicos, crianças e mulheres grávidas, e elencam as três principais formas de contato com estes tóxicos: respiração, ingestão de alimentos ou água contaminados e através da pele.

¹ Entidade católica fundada pelos bispos da Alemanha com o intuito de cooperar com o desenvolvimento e com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina. Sua ação dirige-se a todas as pessoas sem distinção de raça, sexo, religião ou cor. (Informações do site da entidade: <http://www.misereor.org/pt>).

Seguindo a mesma lógica de denúncia, outro cartaz intitulado: Mineração e Meio Ambiente, traz ilustrações, mostrando inicialmente uma figura representando a mineração e no entorno rios, poluídos, solo erodido e estéril, comunidade agrária sofrendo os impactos da exploração do minério e ladeando a imagem algumas tarjetas com alertas sobre os prejuízos da mineração para o meio ambiente: desmatamento, poeira tóxica no ar, poluição dos solos através de rejeitos sólidos, fechamento de estradas impedido acesso a locais e a bens de uso públicos (nascentes, aguadas, mato), poluição das águas dos lençóis freáticos devido às barragens de rejeito, transporte dos minérios por dentro das comunidades, poluição das águas, morte de peixes, animais e plantas, uso excessivo de água que não mais poderá ser usada pelo povo, rachaduras nas casas, estresse dos animais que passam a produzir menos. Na parte inferior do cartaz mostra a ambiguidade dos ideários da mineração e da vida em comunidade: do lado esquerdo um homem bem vestido com uma maleta na mão intitulada “esperteza” busca convencer as pessoas sobre os benefícios da mineração: trabalho, dinheiro e desenvolvimento. Do lado direito uma mulher negra, alertando todos para não se enganarem, pois a mineradora precisa de mão de obra qualificada, quanto ao dinheiro este vai para fora do Brasil e visa o lucro da empresa, já sobre o desenvolvimento o que fica na comunidade é apenas poluição e vazio.

Neste entendimento, o cartaz da 37ª Missão da Terra traz um desenho de um sol com um mandacaru, sob a frase 37ª Missão da Terra, Diocese de Bonfim. Abaixo desta frase o lema da missão da terra extraído do livro do êxodo, capítulo 3, versículos de 7-8: Eu vi, ouvi o clamor do meu povo e desci para libertá-lo. No fundo uma fotografia de romeiros e romeiras da Missão da Terra empunhando cruzes. Sobre esta imagem uma figura do planeta terra com o tema da romaria: O sertão, nossa casa comum, não é mercadoria: geme e clama por misericórdia. Segurando o planeta mãos com terra representando o camponês e ao lado o rosto de Jesus com expressão triste. Uma tristeza que remete à preocupação com o destino da Terra.

São cartazes com ilustrações que evocam os sentidos do ecologismo dos pobres (ALIER, 2007) e a defesa do povo camponês como o povo de Deus que marcha para a terra prometida. Destarte os militantes e agentes de pastoral se auto conceituam como “Moisés” a guiar o povo na luta contra a escravidão e em, defesa de seus territórios e territorialidades.

A Carta dos romeiros e romeiras da 37ª Missão da Terra revela o comprometimento com uma sociedade justa e igualitária e com a defesa da Mãe Terra, dos territórios e territorialidades camponesas, como também a denuncia do sistema opressor capitalista e todas

as mazelas causadas por sua lógica, como também denuncia o golpe vivenciado atualmente no Brasil:

Nesta missão, em tempos amargos de quebra da democracia, sentimos o apelo para agasalhar a vida e o cosmo, como se agasalha nos ninhos as asas do futuro. No desejo de fortalecer a solidariedade e a luta por justiça e em defesa da vida e do ambiente, ouvimos, com os sertanejos e sertanejas, um só grito em defesa da terra, das águas, do povo e de toda a criação. O Deus de Jesus nos garante que a vitória será nossa e já aparece e nos alegra com as conquistas e os avanços nas lutas travadas pelos movimentos sociais do campo. (2016).

As letras da carta revelam a inclusão por beneficiamento, pois coloca como protagonista os movimentos sociais. Na carta também anunciavam “projetos de vida e denunciavam projetos de morte” (CPT, 2016):

Denunciamos o modelo de sociedade capitalista, excludente, baseado na propriedade privada dos meios de produção; ele serve para legitimar a concentração de terra nas mãos de uma minoria, trazendo muitos sofrimentos e injustiças principalmente para as populações tradicionais. Assistimos ainda hoje populações expropriadas de suas terras, pela grilagem que continua desde o processo latifundiário das capitânicas hereditárias. Hoje ele se manifesta com projetos monstruosos das mineradoras, empresas de energia eólica onde já estamos vendo os estragos com fechamentos de estradas públicas, rachaduras nas casas e nas cisternas, poluição do ar e sonora, desmatamentos, invasão de propriedades e obrigando os camponeses a apresentar documento para entrar em suas próprias roças: há constantes ameaças das águas e das nascentes e até comunidades sendo retiradas do lugar.

Nestes discursos materializados em textos e imagens, percebe-se que a CPT visualiza o Fundo de Pasto através da representação da inclusão pelo processo de participação do tipo ativação, embora apareçam elementos que configuram inclusão do tipo apassivação por beneficiação, ou inclusão por circunstanciação, como também a presença da imagem como narrativa religiosa e libertadora, com forte teor político embasado na teologia da libertação e no ecologismo dos pobres (ALIER, 2007) em que o camponês é representado como povo de Deus em busca da terra prometida e o militante se auto define como o Novo Moisés a libertar o povo da escravidão e conduzi-lo a libertação e à terra prometida.

Mediante este estudo, fica evidente que a CPT não atua sozinha. Ela faz parte de uma rede de movimentos que tem seus pontos enfiados a nível local, regional, estadual, nacional internacional e se configura como elemento de articulação na relação de horizontalidades (SANTOS, 1999) ou conforme Ferraro (2010), utopia comunitarista, ou seja, visa defender e fortalecer as identidades tradicionais, em contrassenso à lógica hegemônica presente nas

grandes empresas, mineradoras e como também no estado que atuam pelo vetor da verticalidade (SANTOS, 1999) que visualiza as comunidades de Fundo de Pasto pela ótica do “Fundo de Pasto Burguês” (FERRARO, 2010) ou seja, da colonização em prol do progresso e do desenvolvimento.

Diante destas concepções discrepantes, é salutar perceber que, se a biodiversidade é reconhecida como princípio da vida, desconsiderar as singularidades presentes no modo de vida comunal das populações camponesas de Fundo de Pasto em prol de um modelo econômico massificador e homogeneizante colocaria em risco a diversidade cultural, por conseguinte a diversidade biológica que tem sido preservada graças aos elementos simbólicos compartilhados entre os comunitários. Neste pensamento, Dubois (2004) afirma que “a imagem não reproduz mais o real, mas é o mundo real que imita a imagem”. Se de um lado o Fundo de Pasto defronta-se com uma narrativa modernizante, do outro com uma narrativa comunitarista. E é justamente esta última que tem mobilizado os fundos de Pasto no tocante à defesa de seus territórios e singularidades. Nesta perspectiva, conforme contribuições de Manguel (2001), os significados das coisas, os sentidos, as imagens são construções coletivas que Bourdieu (1989) denominava como trocas simbólicas.

CONCLUSÕES

À guisa da conclusão, pode-se afirmar que a CPT, enquanto movimento social, se posiciona com elementos simbólicos fortalecedores da identidade, de esperanças e de utopias e sua atuação vem permeada por processos educativos carregados de sentidos ideológicos pautados na teologia da libertação e no ecologismo dos pobres (ALIER, 2007), a partir das representações das comunidades de fundo de pasto pela ótica da inclusão do tipo ativação por processo de participação ou por circunstanciação ou do tipo apassivação por sujeição, como beneficiário (VAN LEEUWEN, 1997). Neste sentido os camponeses são vistos como protagonistas da própria libertação e emancipação, mas diante de algumas problemáticas como a da grilagem regulada por lei com apoio do estado, ficam apenas na denúncia sem possibilidade de ação, ou seja, à mercê das circunstâncias.

Deste modo, a retórica e as ações da CPT tendem a valorizar os sujeitos como protagonistas de sua libertação e existência, primando pelo envolvimento em detrimento ao desenvolvimento (VIANA, 1999), porém sua atuação não é isolada ou fragmentada em cada localidade, pois está imbricada com outros movimentos em forma de rede de atuação. As suas ações, nos quarenta anos de atuação no Brasil, são na grande maioria financiadas e orientadas

pela MISEREOR, entidade católica estrangeira, situada na Alemanha, criada como obra dos bispos católicos para promover o desenvolvimento e lutar contra a fome e a miséria na Ásia, África e América Latina. Embora seja uma entidade de cunho confessional católico, não exclui pessoas de outras religiões. Também não faz distinção de sexo, cor ou raça. Seu propósito é servir a todas as pessoas que necessitam.

Neste prisma, essas redes apoiam na escala local, mas definem as formas de ação em escala global (CARVALHO, 2010, p. 80), numa luta maior, em que a insurreição preconizada por Marx (2014) no oitavo capítulo de sua obra “O Capital”, emerge como um “grande gigante mundial”, que tem aqui e em cada lugar do globo terrestre um membro, conforme argumentou o professor Andrés Octávio Barreto Marin, durante a palestra de abertura do VII SINGA (Simpósio Internacional e Simpósio Nacional da Geografia Agrária) realizado em Goiânia em novembro de 2015: “É chegada a hora da insurreição de uma humanidade proletarizada.”

Nestas “trincheiras de resistência” (CARVALHO, 2010), frente às ações do capital, a representação de atores sociais, imprimem-se no campo simbólicos como ferramenta de empoderamento (PAIVA, 2015) em quatro dimensões: cognitiva, através da ideologia, psicológica, pois visa levar os sujeitos a identificarem-se como ator social do meio, política por promover a auto identificação e auto reconhecimento como ser agente e econômica por visar a independência financeira em territórios de autonomia com a preservação dos modos de vida e das territorialidades de cada povo.

REFERÊNCIAS

ALIER, Joan Martínez, O Ecologismo dos Pobres. São Paulo: Contexto, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual, Tradução: Plínio Dentzien, Rios de Janeiro: Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. RJ: Memória e Sociedade 1989.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Ressignificação e reapropriação social da natureza: Práticas e Programas de “Convivência com o Semiárido” no Território de Juazeiro – Bahia. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. Centro de Educação e Ciências Humanas/Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. 2010.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de O. As malhas de discursos (re) veladores. Maceió: EDUFAL, 2005.

CPT, Comissão Pastoral da Terra. 37ª Missão da Terra de Senhor do Bonfim, 2016, Disponível em:

<http://www.cptnacional.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=16%3Acpt&Itemid=54&layout=default> acesso em: 02 Setembro 2016.

CPT, Comissão Pastoral da Terra. Alumeia: Revista da Comissão Pastoral da Terra Bahia, Salvador: CPT, ISSN: 2118-6496. Ed 02, ano 02, 2015.

DUBOIS, Phelippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosacnaif, 2004.

FERRARO, Luiz Antonio Jr; BURSZTYN, Marcel. Tradição e Territorialidade dos Fundos de Pasto da Bahia: Do capital Social ao Capital Político. IV Encontro Nacional da Anppas, 04 a 06 de junho de 2008. Disponível em: http://www.aatr.org.br/site/uploads/publicacoes/tradicao_e_territorialidade.pdf> Acessado em 22 de outubro de 2014.

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Discursos Sustentáveis. São Paulo: Cortez, 2010.

MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens: uma história de amor e ódio. 5ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2001

MARX, Karl . O Capital: crítica da economia política, Livro II: O processo de circulação do capital. Tradução Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2014.

MISEREOR. Os projetos de MISEREOR buscam fortalecer a iniciativa própria dos pobres. Disponível<<http://www.misereor.org/pt/>> acessado em 24 de outubro de 2016.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Sobre fenomenologia da percepção - Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ISSN (versão eletrônica): 1678-4669, 2008, disponível em: www.scielo.br/epsic acessado em 31 de agosto de 2016.

NOVODVORSKI, Ariel. Representação de atores sociais. In: Magalhães, Célia (Org.). Representação social em corpus de tradução e mídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. Representações de atores sociais, Univerrrsidade do Estado da Bahia, aula proferida em 06 de novembro de 2015.

PRADO, a re-volta dos camponeses e das camponesas : a luta e a conquista da terra dos trabalhadores e das trabalhadoras sem terra no engenho Prado 1997–2005 / [Comissão Pastoral da Terra]. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. Rio de Janeiro: UFF/Geographia, 1999.

VAN LEEUWEN, T. A Representação dos Actores Sociais. In: PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, SA, 1997.

VIANA, Virgílio M. Envolvimento Sustentável e Conservação das Florestas Brasileiras. Ambiente & Sociedade, Ano II, nº 5, 2º semestre, 1999.